

O poeta das angústias

em "espelho dos dias" ^{Dom.} 8/2/87

Antes de me debruçar sobre a poesia de Armando Artur, teríamos que chegar a um acordo:

onde com ele me possa confrontar. Ele que parece temer a aventura, como «uma ave imaginária do instante onde tudo recomeça», incapaz de abandonar a força das palavras e caminhar só, de fruir os pecados do destino sem «agredir o silêncio com estas palavras aqui incendiadas», incapaz de avançar sem medo, de «voltar aos trilhos apagados» e «às fontes incendiadas».

Teríamos que encontrar um lugar comum entre tudo o que o poeta quis inventar, entre todos os sonhos do «amargão», seu «pragmatismo existencial», nunca realizados. Teríamos, em suma, que encontrar aquela angústia obsessiva que, sem ser minha, descubro nas entrelinhas de um velho poema que em tempos lhe dediquei dizendo: «Os poetas vagueiam à procura da palavra mágica/ que gire o mundo à vontade do seu mestre».

Armando Artur sabe que essa magia não virá. Exercita então a angústia como se descobrisse nas maravilhas do fazer poético a emoção de estar consigo, só, mas completamente presente e crente.

«Já não me reconheço/ no espelho dos dias» (p.26). Assim

o poeta se ausenta do presente, «sempre com a mesma ideia obsessiva: Futuro! — essa doce pátria por libertar» (p. 32). E os versos rolam na maneira simples de quem está na raiz de qualquer pressentimento:

«Ah, se eu pudesse ser
de todos os tempos e todos
os espaços

Armando Artur



Espelho dos Dias

de todas as criaturas e todas
as emoções
ou se pudesse ser simples-
mente
uma gota de luz irribada

no rosto negro dos dias
... (p.22).

É como se houvesse uma maneira simultaneamente cruel e mansa de desfolhar angústias e retratar os dias.

O poeta crê montar uma paisagem que se refracta ao mundo pelo clarão das palavras. Move, entretanto, o cenário como-se esse «écran» nada tivesse a ver com a naturalidade das coisas:

«Foi então que descobri/ na mudez das pedras mortas/ a forma mais ígnea de olhar as coisas à minha volta».

«O sonho, esse discípulo da noite dissipada», nasce da urgência de inventar qualquer coisa de harmonioso, de cultivar o futuro no orvalho das palavras.

Eis, então, caro leitor, o labor sincero, que o tempo certamente se encarregará de apurar, a encimar esta obra de «sal» e «néctar».

Hoje é como se reecontrasse Armando Artur em tudo e nada porque, afinal de contas, a vida reservou-nos o destino de carpir a mesma angústia de ser «ninguém», um pouco à maneira de cada um.

HÉLDER MUTEIA